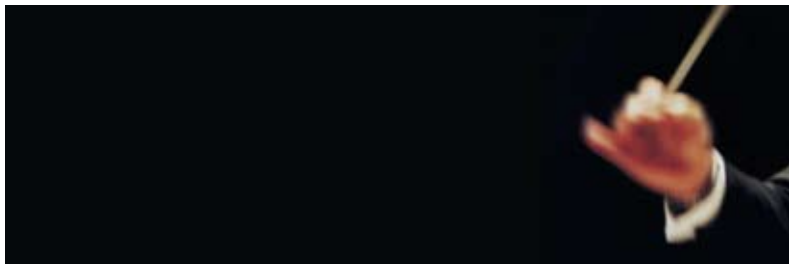

MÚSICA
13 JANEIRO '08
MÚSICA COM
COMENTÁRIOS

Pela ORCHESTRUTOPICA

Concerto comentado por Sérgio Azevedo

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



DOM 13 DE JAN 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 11H00 · DUR. APROX. 1H00 · M/6

Maestro Cesário Costa
Comentários Sérgio Azevedo

ORCHESTRUTOPICA

Flauta Katharine Rawdon
Oboé Alice Caplow-Sparks
Clarinete Nuno Pinto
Fagote David Harrison
Trompete António Quítalo
Trompa Paulo Guerreiro
Trombone Hugo Assunção
Percussão Elizabeth Davis
Harmonium e celesta António Esteireiro
Cravo Júlio Dias
Piano Elsa Silva
Violino I Xuan Du
Violino II Juan Maggiorani
Viola Cecliu Isfan
Violoncelo Guenrikh Elessine
Contrabaixo Vladimir Kousnetsov

Produção executiva ORCHESTRUTOPICA

Co-produção CULTURGEST/ORCHESTRUTOPICA

Conteúdos, traduções e adaptação de conteúdos José Júlio Lopes

Créditos da OU e/ou dos autores identificados Música com comentários ©® (incluindo textos), 2008, ORCHESTRUTOPICA ACSFL

Agradecimentos

A ORCHESTRUTOPICA deseja tornar público o seu agradecimento a: Orquestra Gulbenkian, Teatro Nacional de São Carlos, Nuno Ivo Cruz e Ricardo Lopes.

Programa:

Luciano Berio

Opus Number Zoo (1951/1970)

Nuno Côrte-Real

Rock - Homenagem a Ligeti (2003)

Mauricio Kagel

Oriente, para orquestra de salão (1988/89)

Com comentários

Tentando criar uma maior aproximação com a música de hoje, a ORCHESTRUTOPICA apresenta um concerto com música comentada. O programa foi especialmente pensado para um público alargado e de todas as idades, propondo-se corresponder à curiosidade e ao interesse que a música contemporânea desperta. É também uma oportunidade para conhecer a música por dentro e para penetrar no mundo da criatividade musical dos nossos dias. De facto, os três compositores escolhidos são representativos de diferentes formas de pensar a música, e as obras correspondem a propostas, linguagens e gestos musicais que revelam a enorme diversidade da música de hoje.

JOSÉ JÚLIO LOPES

Muitas músicas

SÉRGIO AZEVEDO

Para quem ainda pensa que a música dita “contemporânea” (para não complicar muito as contas, consideremos sob esse epíteto a música – de índole não tradicional ou neoclássica – escrita de 1950 até hoje) é toda ela o resultado de um intrincado jogo intelectual, que pouco ou nada se rala com a fruição prazenteira, e que nada tem de lúdico, descontraído ou divertido, desengane-se, pois está muito equivocada, e terá neste concerto dominical a prova disso mesmo; pois não se achou nada melhor para lhes fazer mudar de ideias do que convidar esses “desconfiados” dos nossos modernos Orfeus a escutarem três peças de três compositores que, à imagem de Haydn dois séculos antes, não se inibem de jogar/brincar com os sons: Berio, Kagel e Nuno Côrte-Real.

Mas que não se indignem já os guardiães da seriedade germânica e austeridade prussiana com estas minhas palavras, pois se há pessoas ainda mais sérias que os mais sérios deste mundo, essas pessoas são os humoristas. O humor tem sempre um fundo sério, esconde por vezes uma grande melancolia, pois vê o mundo humano como ele é, em toda a sua grandeza e – lamentamos dizê-lo – baixeza.

Não é por acaso que o comediante, o palhaço, continuam o espectáculo, “the show must go on”, suceda o que suceder, morra mãe ou pai, caia o Carmo ou a Trindade, caiam por vezes eles mesmo, em pleno palco, em plena função cômica. Não, os humoristas

são gente séria, e se nos dão a desfrutar com alegria os seus dichotes, estes não deixam de ser por vezes, embora bem lá no fundo, sérios, e até inquietantes ao questionarem essa alegria superficial, como o demonstram, entre outros, os grandes génios de Charles Chaplin ou Buster Keaton. E quando os mestres do paradoxo e do burlesco só nos querem é mesmo fazer passar um bom serão, porque não? Chega de considerar Mozart mais profundo do que Haydn apenas porque este era um homem bem com a vida e Mozart, se na altura já se tivesse inventado o Prozac, não passaria de um viciado em medicaçãoção anti-depressiva enquanto compunha *Don Giovanni!*

Não obstante o que vai acima, não se considerem estes três compositores, de três gerações diferentes, como apenas autores de peças divertidas. Nem por sombras. No entanto, em todos eles é o aspecto lúdico ligado ao prazer de fazer música que transpira das obras, e não a “torre de marfim” tantas vezes associada à criação contemporânea e respectivos autores.

Pois como será possível não perceber, na divertida peça de Luciano Berio (1925-2003), na qual os textos rocambolescos de Rhoda Levine são recitados – ó surpresa! – pelos executantes em pessoa – o seu amor pela vida e pelas simplicidades terrenas das crianças e animais, ele que vivia numa quinta da Toscana onde fazia o seu próprio pão e vinho? Ou como não intuir na obra de Mauricio Kagel (n. 1931) a sua tolerância e respeito pelas diferentes culturas e expressões do Mundo, ele que pede (no fim da partitura) aos músicos para que se

virem, cada um para o “seu” Leste relativo (que só depende da direcção para a qual estão virados em palco...). Ou como não nos maravilharmos ao ouvirmos no – só aparentemente – funambulescamente exuberante *Rock* de Nuno Côrte-Real (1971) a sua compreensão do sentido lúdico da música, sentido esse que era também o de um dos seus queridos mestres, György Ligeti (1923-2006), igualmente já falecido?

E porque não? Qual funeral tradicional de New Orleans, onde os mortos são enterrados a cantar e a dançar ao som do jazz, Ligeti vai hoje (sendo esta peça uma homenagem que *ainda* lhe foi feita em vida) novamente a sepultar, mas desta vez ao som festivo do rock, um estilo não erudito mas que ele próprio apreciou e usou em, pelo menos, duas peças, tal como usou a música folclórica húngara e asiática em inúmeras outras. Porque não há *uma* música contemporânea mas sim *muitas* músicas contemporâneas...

Opus Number Zoo de Luciano Berio

BAILE CAMPESTRE

Era uma vez uma Raposa
Que convidou dona Galinha
Para dançar uma valsinha.
Dona Galinha, deslumbrada,
Nem notou a escuridão...

Com a graça de um Nijinsky
Mui Raposo e cativante
Começaram, Três por Quatro.
Dona Galinha, deslumbrada,
Nem notou a escuridão...

Valsa para um lado!
E Zás! Agora atrás!
E valsa a toda a volta
Altíssimo!

A noite vem
e morre a luz.
Mas é sem medo que ela sorri.

E valsa e volta
E mais abraço.
Fim do dia
A noite vem.
Sempre sorrindo, deslumbrada,
Nem notou a escuridão...

E foi Assim...

O CAVALO

Rugidos de bombas, gritos de batalha,
Chegam de longe ao cavalo.
Sozinho, num campo à beira-rio,
Eis o que pensa o cavalo:

– Que loucos os homens,
Estragar a Terra e matar o que é vivo e
bom...
– E porque será, com que razão?

– Porquê, com que razão?
Razão?
Razão??

Eis o que pensa o cavalo,
Num campo, sozinho, à beira-rio,
Ouvindo ao longe
Rugidos de bombas e gritos de batalha.
– Porquê, com que razão?

O RATO

Mui sozinho estava um rato,
Lá no alto de uma estante,
Vendo a festa, vigilante.

Mui velho, muito triste,
Mesmo hoje, que é Ano Novo.
Ano Novo. Ano Novo!

– Eih vocês, gritou.
Dancem, dancem, meus amigos
Mas não se esqueçam, nunca, nunca
O meu aviso!
Eu aviso!
Pois, também eu dancei, cantei,
Também já fui novo.
Mas...
Mas, mas, mas...
Ai de mim!
Pois foi...

Pst! Pst!
Veio o Tempo juntar-se à minha dança,
Veio estragar a brincadeira!

OS GATOS

Na Selva da cidade
Cruzam-se dois gatos,
Omar e Bartolomeu.

Incharam os dois de inveja
(E que grande inveja!)
Cada um rival do outro
No muro do jardim!

A cauda de Bartolomeu
Faz Omar estacar.
Bartolomeu olhou também:
Como inveja os bigodes de Omar!

Um grito brusco
Rompe o silêncio da noite de Verão.

Gato contra gato,
Esquecidos do medo (como David e
Golias),
Estala a batalha

OH!
Que tremenda batalha!

OH!

Voltam os dois, coxeando para casa.
Caudas e bigodes
Foram-se na luta.

OH!



LUCIANO BERIO (1925-2003),
compositor

Um dos maiores compositores de vanguarda italianos, Luciano Berio nasceu em 1925 numa família de músicos que rapidamente o conduziram para o mundo da composição. Estudou em Milão até 1951 e iniciou depois uma carreira vivendo alternadamente em Itália e nos EUA. Casou em 1950 com a cantora Americana Cathy Berberian e muitas das suas peças foram escritas para a sua voz. Entre 1955 e 1960, dirigiu o *Studio di Fonologia Musicale*, um centro de investigação em música electrónica que fundou em conjunto com Bruno Maderna na RAI. Passada mais uma década em que viveu nos EUA regressou a Itália onde fundou o *Centro Tempo Reale*, um instituto de pesquisa musical que colocou lado a lado músicos e especialistas em informática com o objectivo de explorar novas formas de composição.

Pertencendo à mesma geração que Cage, Boulez e Stockhausen, Berio foi pioneiro no uso da electrónica como forma de explorar novas fronteiras musicais. Empregou uma miríade de idiomas e técnicas durante a sua longa e prolífera carreira, especializando-se em obras para voz, música aleatória, serialismo, música electrónica, e as muito famosas peças virtuosísticas intituladas

Sequenzia. Berio tinha um grande fascínio pela literatura, em particular pela literatura moderna e pós-moderna do século XX. Italo Calvino escreveu textos para várias obras dramáticas de Berio, e o seu trabalho na rádio italiana levou a uma amizade com Umberto Eco. Faleceu em 2003.

OPUS NUMBER ZOO (1951, REV. 1970),

Quinteto de sopros (dedicada a Aaron Copland no seu 70.º aniversário)
Com texto original em inglês de Rhoda Levine (e versões em alemão de Friedl Hofbauer e em italiano de Vittoria Ottolenghi), a peça *Opus Number Zoo – A Children’s Play for Wind Quintet* (uma peça para crianças para quinteto de sopros), de Luciano Berio é uma obra simples e inquieta longe da complexidade estilística de *Sinfonia*. Esta pequena partitura apresenta ritmos angulares, texturas transparentes e a música fala através de alegorias, fazendo lembrar, como uma versão em miniatura, a *História do Soldado*, de Stravinsky.

COPYRIGHT © 2007 OU (ADPT.)

NUNO CÔRTE-REAL (1971),
compositor

A segunda metade do século XX foi, para a música, meio século que tardou em acabar. Não, certamente, meio século para nada, mas, como escrevia o filósofo francês Comte-Sponville, “um meio século a mais, como uma gaguez da história, como uma farsa fatigante”. Foram cinquenta anos subsidiados para a extinção da emoção estética, para a erradicação do prazer. Reduzida a obra à ideia, a beleza tornou-se marginal. Mas, com cinquenta anos de repetição, o gesto de subversão e a busca do novo banalizaram-se. Esgotadas as vanguardas, o totalitarismo deu, finalmente, lugar à diversidade.

Hoje, em Portugal, a existência dessa diversidade característica do pós-modernismo, deve-se, por um lado, à criação de novas orquestras vocacionadas para a música contemporânea (como a ORCHESTRUTOPICA ou o Remix Ensemble), à existência de novas salas de concerto e festivais com políticas de programação menos *conservadoras*, mas, sobretudo, graças à coragem e persistência de compositores, como António Pinho Vargas, que lutaram pela liberdade dos processos criativos e abriram um espaço alternativo à margem dessa vanguarda paradoxalmente

institucionalizada. Desta nova geração de compositores nascida na viragem do século, Nuno Côrte-Real é um dos mais notáveis e prolíficos exemplos.

ROCK – HOMENAGEM A LIGETI,

(peça co-encomendada pela ORCHESTRUTOPICA e pelo Festival de Música de Mafra)

Estreada em 2003, não é propriamente uma peça no estilo de Ligeti, apesar de conter alguns gestos herdados do compositor. É antes, uma celebração festiva desse compositor que foi na segunda metade do século XX um notável exemplo de independência face ao sistema. Não isento de alguma ironia, o nome da peça contrasta pela ligeireza com o peso e gravidade habitualmente atribuídos à música contemporânea.

Em toda a sua obra, Côrte-Real propõe-se restituir à música a sua natureza sensível: a obra como lugar de comunicação e emoção. Para si, a essência da música, a sua verdade é a poesia, isto é, aquilo que está para lá da técnica e que não se pode aprender; o que se desprende da escrita, sobrevoa a peça, mas não se deixa dizer por palavras. Daqui se compreende a renúncia do compositor em falar da própria obra. Penso que, oferecer a obra em silêncio é reconhecer que a força do acto criador não pode ser nomeada, e que permanecerá sempre um mistério. A obra diz-se a si própria, e o que ela diz está radicalmente entretecido no seu apresentar-se, no seu manifestar-se, no seu revelar-se. Como tal não pode compreender-se de outro modo. Sendo essencialmente de natureza expressiva, o sentido da obra não é susceptível de ser transmitido

verbalmente. Reclama sim, ser vivida. Heidegger falou de epifânia, “fazer ver a partir de si mesmo”, desvelamento – “a obra de arte é uma dádiva de lugares nos quais Deus aparece”. O discurso sobre a obra nunca a torna presente. Quando pediram a Schumann que explicasse uma peça, ele sentou-se e tocou-a pela segunda vez. A linguagem tropeça quando fala de música. Habitualmente refugia-se no *pathos* da imagem, ou então, esgota-se em explicações técnicas ou interessantes análises, mas que em nada contribuem para tornar presente a “coisa mesma”. A música é inefável. Termino parafraseando Teixeira de Pascoas: “Quando tudo é música, o que somos nós senão ouvidos?”



MAURICIO KAGEL (1931), compositor

Mauricio Kagel nasceu em Buenos Aires em 1931 no seio de uma família poliglota e de ascendência judaica com fortes posições de esquerda. Estudou teoria, canto, direcção de orquestra, piano, violoncelo e órgão com professores privados, mas como compositor foi um auto-didacta. Na Universidade de Buenos Aires, onde foi aluno de Jorge Luis Borges, Kagel estudou filosofia e literatura. Em 1949 tornou-se consultor artístico do Agrupación Nueva Música de Buenos Aires; começou a compor em 1950, em busca de ideias musicais que se opunham ao estilo neo-clássico imposto pelo governo de Péron. Depois de uma tentativa fracassada de fundar um estúdio de música electro-acústica, em 1955 torna-se maestro do coro e acompanhador no Teatro Colón e editor de cinema e de fotografia no jornal Nueva Visión. Em 1957 Kagel instala-se na Alemanha, primeiro com uma bolsa DAAD, passando depois a viver em Colónia onde imediatamente se envolveu a fundo na comunidade de música contemporânea sendo membro da chamada “segunda geração” de compositores de Darmstadt.

Participou nos cursos de verão de Darmstadt desde 1958, onde veio mais tarde a ser professor (1960–66,

1972–76), e dirigiu a Orquestra de Câmara de Rheinland em concertos de música contemporânea (1957–61). Entre 1961 e 1965, realizou também inúmeros concertos e conferências nos EUA. Em 1969 foi nomeado director do Instituto de Nova Música da Rheinische Musikschule em Colónia e, como sucessor de Stockhausen, dos cursos de nova música em Colónia (até 1975); em 1974 é nomeado professor de teatro musical na Musikhochschule de Colónia. Kagel foi um dos fundadores do Ensemble für Neue Musik em Colónia e trabalhou nos estúdios de electrónica na mesma cidade e também em Berlim e Utrecht. Continua a dirigir muitas das suas obras e a dirigir e a produzir os seus filmes e peças radiofónicas.

OSTEN (ESTE) (1988), para orquestra de salão

O mundo sonoro de Kagel sempre foi a da alteridade territorial: sendo argentino de ascendência russa-judaica, cresceu num país de língua espanhola e emigrou para a Alemanha. Resultado desta mistura é, sem dúvida, o seu desejo de aceder a uma linguagem que seja som puro – o seu desejo é o de não se sentir limitado pelas suas linguagens nativas e aquelas dos que mais frequentemente ouvem a sua música na Europa e nos EUA, e de deliberadamente entrar numa resistência linguística.

O resultado mais visível desta mudança de orientação composicional da electrónica/teatro musical para o campo linguístico/cultural são *Die Stücke der Windrose* (As Peças da Rosa dos Ventos), escritas entre 1988 e 1994. Kagel compôs estas oito peças, cada

uma para cada um dos principais pontos cardeais, para uma “orquestra de salão” (com cerca de nove músicos). Ao escrever esta série de peças, Kagel tinha consciência da sua posição singular em relação à música Ocidental. Como ele próprio afirma a sua relação com os pontos geográficos é influenciada por “ter nascido no hemisfério Sul. Quando uma pessoa passou a primeira e mais impressionável parte da sua vida ali, os quatro pontos cardeais evocam experiências particulares, desejos e visões esquemáticas das coisas que são exactamente o contrário do correspondente para os europeus. Para mim... Sul é sinónimo não de calor, mas de frio: com a Patagónia, a Terra do Fogo e a Antártida. O Norte, por outro lado, é só frio: sol impiedoso, humidade pegajosa, paisagens desérticas e vazio.”

A primeira desta série que Kagel escreveu foi *Osten* (Este) (1988-89). Começa com acordes sincopados no piano, que ecoam no harmonium e na percussão, com as cordas e o clarinete pairando ambos por cima. A peça muda de ritmo com frequência, mas há uma figura no piano e no harmonium que mantém uma persistente e recorrente sensação de acentuação (no primeiro e terceiro tempos) – sugerindo a forma um pouco cómica de um gigante andar – ou, como diz Kagel nas notas sobre a obra: como o balanço de um comboio em que as melodias são como cenas vislumbradas através das janelas. Como se estivessemos sentados numa carruagem de terceira classe numa viagem de comboio entre a Carpácia e o Golfo da Finlândia.

INTÉRPRETES



Fotografia: Graça Sznajfeld

CESÁRIO COSTA, maestro

Cesário Costa (n. 1970) tem vindo a distinguir-se em Portugal como um dos mais activos maestros da sua geração. Realizou os seus estudos musicais em Paris, onde concluiu o Curso Superior de Piano, e na Alemanha, onde completou com a nota máxima a Licenciatura e o Mestrado em Direcção de Orquestra na Escola Superior de Música de Würzburg, na classe do Prof. Hans-Rainer Foerster.

Em 1997 foi o vencedor do III Concurso Internacional Fundação Oriente para Jovens Chefes de Orquestra. Nesse mesmo ano foi primeiro do Festival de Música de Bayreuth.

Como maestro convidado, dirigiu a Royal Philharmonic Orchestra, a Orquestra Sinfónica de Nuremberga, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Orquestra, o Ensemble für Neue Musik (Würzburg), a Arhus Sinfonietta (Dinamarca), a Orquestra Filarmónica da Macedónia, a Orquestra Filarmónica de Roma, a Filarmonia Sudecka (Polónia), a Filarmonia Rzeszów (Polónia), a Orquestra de Extremadura

(Espanha), a Orquestra Sinfónica de Liepaja (Letónia), o Plural Ensemble (Madrid), a Orquestra do Norte, a Filarmonia das Beiras, entre outras orquestras. Apresentou-se também em Espanha, França, Andorra, Alemanha, Escócia, Bélgica, Inglaterra, Itália, Dinamarca, Macedónia, Polónia, Malásia e Brasil.

Participou em inúmeros Festivais de Música, de que se destacam o Festival de Música Atlantic Waves (Londres), Aberdeen (Escócia), Arhus (Dinamarca), Neerpelt (Bélgica), Dresden (Alemanha), Murcia (Espanha), Estoril, Sintra, Póvoa do Varzim, Espinho, Leiria, Mafra.

O seu repertório estende-se do barroco ao contemporâneo, incluindo mais de sessenta obras em estreia absoluta. Colabora regularmente com o Teatro Nacional de S. Carlos, a Casa da Música (Porto), o Teatro da Trindade, o Teatro S. João, o Teatro São Luiz, o Centro Cultural de Belém, a Fundação de Serralves, entre outras instituições.

É professor na Universidade Católica Portuguesa e prepara o doutoramento na Universidade Nova de Lisboa, sobre o Maestro Pedro de Freitas Branco.

Foi agraciado com a medalha de mérito cultural pelo Município de Vila Nova de Gaia. É Vice-presidente do Júri do Prémio Jovens Músicos.

Compromissos futuros incluem concertos em Londres, Brasil, Roménia, Polónia e Letónia.

Actualmente é Director Artístico da Orquestra do Algarve, dos Concertos Promenade do Coliseu do Porto e Director Musical da ORCHESTRUTOPICA.



SÉRGIO AZEVEDO, comentários

Estudou composição na AAM com Fernando Lopes-Graça e concluiu os estudos superiores de composição na BSMI com Christopher Bochmann e Constança Capdeville. Frequentou diversos seminários e cursos no IRCAM e ainda com Emmanuel Nunes, Tristan Murail, Ph. Manoury, Luca Francesconi, Mary Finsterer, Jorge Peixinho, Louis Andriessen e Simon Bainbridge. Sérgio Azevedo tem desenvolvido uma carreira independente, sendo autor de um já vasto catálogo de obras; é hoje um dos compositores mais tocados em Portugal. Ganhou diversos prémios de composição, nacionais e internacionais, entre os quais o Prémio das Nações Unidas, e as suas obras têm sido apresentadas em vários países, por prestigiados ensembles e orquestras. Azevedo publicou, em 1999, o livro *A Invenção dos Sons* (Caminho) e, em 2004, *A Escadaria Íngreme* (Quasi). Colabora ainda com *The New Grove Dictionary of Music and Musicians* e com outras prestigiadas publicações e instituições musicais, como o CESEM. Tem sido frequentemente convidado para fazer parte de júris de concursos de composição e de piano. É, desde 1993, professor na BSM de Lisboa e foi colaborador da RDP/Antena 2 (1993/2002).

Actualmente prepara o doutoramento na Universidade de Évora, orientado por Amílcar Vasques Dias e Benoit Gibson.

A ORCHESTRUTOPICA (OU)

É um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um *instrumento* para compositores. Fundada em 2001 – pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas, e o maestro Cesário Costa –, foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Ao fim de cinco anos já realizou mais de quarenta concertos, em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível, os compositores representados nos programas da OU são chamadas a participar em forums abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou, a OU apresentou inúmeras obras encomen-

dadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A ORCHESTRUTOPICA beneficia de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura/Instituto das Artes e, desde a temporada de 2006/2007, é “orquestra em residência no CCB”.

ORCHESTRUTOPICA

Direção artística António Pinho Vargas,
Carlos Caires, José Júlio Lopes
Director José Júlio Lopes

Director musical Cesário Costa

Produção Élio Correia

Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Paula Gomes Ribeiro

Presidente do Conselho Fiscal André Sá
Machado

Maestros convidados Yu Feng (Chi), David
Allen Miller (EUA), Odaline de la Martinez
(GB), Tapio Tuomela (Fin), Fabián Panisello
(ARG), Jean-Sébastien Béreau (FR), Olivier
Cuendet (SUI)

Solistas convidados Ana Ester Neves,
soprano (POR), Nicole Tibbels, soprano
(GB), Fredrik Burstedt, violino (SE), Yeree
Suh, soprano (COR), Monique Krüs, soprano
(NL), Guillaume Grosbard, violoncelo
Compositor-residente João Madureira
(2004); Nuno Côrte-Real (2005).

A ORCHESTRUTOPICA é uma Associação Cultural
Sem Fins Lucrativos · copyright © 2001, 2002, 2003,
2004, 2005, 2006, 2007 e 2008, ORCHESTRUTOPICA
e António Pinho Vargas, Carlos Caires, Cesário
Costa, José Júlio Lopes e Luís Tinoco · Todos os
direitos reservados · O logotipo e a designação
ORCHESTRUTOPICA são propriedade da
ORCHESTRUTOPICA AGSFL · A ORCHESTRUTOPICA
é uma estrutura apoiada financeiramente pela
Direcção-Geral das Artes – Ministério da Cultura
(2003, 2004; 2005/2008)

CONTACTOS

Largo do Carmo, 18 – 1º esq · 1200-092 Lisboa
Portugal · Tel / Fax + 351 213 474 148
email: orchestrutopica@novascenas.pt
www.novascenas.pt/orchestrutopica

PRÓXIMO CONCERTO COMENTADO

MÚSICA DOM 24 DE FEVEREIRO



Orquestra Metropolitana de Lisboa

Clássicos do Século XX

Concerto comentado por Ana Telles

GRANDE AUDITÓRIO · 11h00 · DUR. 1h00 · M/6

Neste concerto são interpretadas obras de três grandes compositores do século xx. Se bem que não sejam as mais carismáticas dos seus catálogos, constituem manifestas demonstrações da mestria que nos habituámos a associar aos seus autores e à singularidade da proposta artística com que cada um deles confrontou a sua época.

A *Rapsódia para Orquestra e Clarinete* é, apesar do título, um extraordinário exemplo de consistência discursiva. Nela revela-se plenamente a identidade musical debussyniana: a ruptura com a previsibilidade formal, a exploração

dos recursos tímbricos instrumentais, a desintegração das linearidades rítmica e dinâmica e o imaginário sonoro conotado com o Impressionismo e o Simbolismo.

Já os *Dois Retratos* de Bartók demonstram a meticulosa consciência com que o compositor húngaro sempre trabalhou os “materiais” rítmicos e melódicos, numa prodigiosa síntese entre uma postura assumidamente modernista e as tradições clássica e popular. Nesta obra, um mesmo fragmento melódico é tratado de forma contrastante em duas peças orquestrais distintas.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES
DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos
Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Margarida Mota
PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio
Judite Jónia

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Marta Fernandes ESTAGIÁRIA
Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Garmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCEIROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha